

**Elói Martins Senhoras**  
(Organizador)



# ECONOMIA:

GLOBALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO 2

**Atena**  
Editora  
Ano 2022

**Elói Martins Senhoras**  
(Organizador)



# ECONOMIA:

GLOBALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO 2

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## Economia: globalização e desenvolvimento 2

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Bruno Oliveira  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Elói Martins Senhoras

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E19 Economia: globalização e desenvolvimento 2 / Organizador  
Elói Martins Senhoras. – Ponta Grossa - PR: Atena,  
2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-869-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.691222401>

1. Economia. I. Senhoras, Elói Martins (Organizador). II.  
Título.

CDD 330

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

A evolução do pensamento econômico tem sido permeado pela presença de diferentes escolas, teorias e correntes desde os primordiais princípios filosóficos na Grécia, passando pela conformação da Ciência Econômica na Inglaterra, até chegarmos aos dias atuais, demonstrando que em um mundo globalizado não existe apenas uma via, mas diferentes formas de interpretação sobre o fenômeno econômico.

Tomando como referência que os pensamentos ortodoxos e heterodoxos são vivos nos campos das ideias e da realidade atual, este livro promove uma visão panorâmica sobre temas relevantes no campo epistemológico da Economia, tendo o objetivo de apresentar análises e debates que tomam como fundamentação distintos paradigmas teórico-metodológicos do pensamento econômico para interpretar a empiria dos assuntos e estudos de casos.

O ecletismo teórico-metodológico proposto nesta obra é explicitado, tanto, pela presença de um plural debate entre diferentes correntes teóricas do pensamento econômico, quanto, por diferentes procedimentos metodológicos de levantamento e análise de dados, possibilitando assim a apreensão de diferentes óticas para captação e interpretação dos fenômenos econômicos.

Caracterizado por uma natureza exploratória, descritiva e explicativa quanto aos fins e por uma abordagem quali-quantitativa quanto aos meios utilizados nas pesquisas, este livro foi estruturado por meio de distintas técnicas e métodos de pesquisa a fim de possibilitar divergentes abordagens teórico-conceituais para abordar a realidade empírica dos relatos de experiência e dos estudos de caso, assim resultando em uma pluralidade de debates.

Fruto de um trabalho coletivo e desenvolvido a várias mãos por um conjunto de pesquisadoras e pesquisadores, brasileiros e estrangeiros, os 29 capítulos deste livro fazem um imersivo convite à leitura de discussões relevantes nas áreas de Teoria Econômica, Macroeconomia, Microeconomia, Economia Internacional e Economia Política, combinando didatismo e acessibilidade.

Conclui-se que as discussões apresentadas neste livro proporcionam aos potenciais leitores a absorção de novas informações e a transdução em novos conhecimentos sobre a realidade e o pensamento econômico em um contexto de globalização permeado por diferentes paradigmas ideológicos. A obra estimula um debate eclético, plural e não discriminatório que se apresenta por meio de uma didática abordagem afeita aos interesses de um público leigo e da comunidade epistêmica da área da Economia.

Excelente leitura!

Elói Martins Senhoras

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

#### INTRODUÇÃO AO DEBATE DA ECONOMIA POLÍTICA: CONCEITOS BÁSICOS

Lázaro Camilo Recompensa Joseph

Tatiana Wonsik Recompensa Joseph

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6912224011>

### **CAPÍTULO 2..... 35**

#### A ARQUEOLOGIA DE UM DEBATE: AS TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO, E SUAS INFLUÊNCIAS NA CONSTITUIÇÃO DO DEBATE ENTRE LIBERAIS E DESENVOLVIMENTISTAS NO BRASIL, ENTRE OS ANOS DE 1950 E 1964

Neilaine Ramos Rocha de Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6912224012>

### **CAPÍTULO 3..... 50**

#### ALGUMAS NOTAS INICIAIS SOBRE BRASIL E NEOLIBERALISMO

Isabel Cristina Chaves Lopes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6912224013>

### **CAPÍTULO 4..... 57**

#### GLOBALIZAÇÃO: UM PROCESSO DE MUDANÇA ESTRUTURAL NO SISTEMA INTERNACIONAL? ALGUMAS REFLEXÕES

Virgilius de Albuquerque

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6912224014>

### **CAPÍTULO 5..... 66**

#### A IMPORTÂNCIA DO MERCADO FINANCEIRO PARA O COMÉRCIO INTERNACIONAL NOS PARAÍSOIS FISCAIS: RECOMENDAÇÕES PARA MOÇAMBIQUE

Zacarias Bernabé Nguema

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6912224015>

### **CAPÍTULO 6..... 84**

#### TEORIA DA CARTEIRA DE MARKOWITZ: APLICABILIDADE DO MODELO CAPM (CAPITAL DE MODELO DE RECTIFICAÇÃO DE ACTIVOS) NO COMPORTAMENTO DOS INVESTIDORES NO MERCADO FINANCEIRO MOÇAMBICANO (2010-2020)

Shayra Alberto Xavier Constantino

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6912224016>

### **CAPÍTULO 7..... 94**

#### O ESTADO DE ENQUADRAMENTO DA DIVIDA PÚBLICA “DIVIDAS OCULTAS” NO MERCADO DE CAPITAIS E O SEU CONTRIBUTO NO DESENVOLVIMENTO ECÔNOMICO DE MOÇAMBIQUE (2010-2020)

Daniel Fernando Sibinde Júnior

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6912224017>

**CAPÍTULO 8..... 105**

A SUSTENTABILIDADE DA DIVIDA PUBLICA DO MERCADO DE CAPITAIS EM MOÇAMBIQUE: DESAFIOS, PERSPECTIVAS E SOLUÇÕES (2010-2020)

Dalmázia de Fátima Vicente

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6912224018>

**CAPÍTULO 9..... 119**

POLÍTICA MONETÁRIA EM MOÇAMBIQUE: UM ESTUDO EMPÍRICO SOBRE A EFICIÊNCIA DOS INSTRUMENTOS DA POLÍTICA MONETÁRIA ADOPTADAS EM MOÇAMBIQUE (2010-2020)

Atumane Jacinto José Nanvarra

Viegas Wirssone Nhenge

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6912224019>

**CAPÍTULO 10..... 129**

LOS EFECTOS DE LA SUBIDA DEL DÓLAR EN MÉXICO EN LA PRODUCCIÓN LA ECONOMÍA Y LA SOCIEDAD

Víctor Manuel Piedra Mayorga

Rafael Granillo Macías

Miguel Ángel Vázquez Alamilla

Raúl Rodríguez Moreno

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240110>

**CAPÍTULO 11..... 141**

INTERAÇÕES ECONÔMICAS ENTRE BRASIL E APEC: UMA ANÁLISE DE DIVERSIFICAÇÃO DA PAUTA COMERCIAL

Sarah Geciellen Cabral Braz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240111>

**CAPÍTULO 12..... 157**

BARREIRAS COMERCIAIS SOBRE A SOJA E A CARNE BRASILEIRAS: CENÁRIOS DE EMBARGOS DA CHINA, UNIÃO EUROPEIA E ESTADOS UNIDOS

Adriano Marcos Rodrigues Figueiredo

Mayra Batista Bitencourt Fagundes

Leonardo Francisco Figueiredo Neto

Cláudio Eurico Seibert Fernandes da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240112>

**CAPÍTULO 13..... 178**

DOS CONCEPCIONES ENTRE LAS EMPRESAS RECUPERADAS POR SUS TRABAJADORES. DISPUTAS FORMATIVAS POR EL SENTIDO DE LA AUTOGESTIÓN EN LA TRAYECTORIA DE IMPA

Ramon Rodrigues Ramalho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240113>

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>194</b>
EL COMERCIO ELECTRÓNICO GLOBAL COMO UNA OPCIÓN PARA EL DESARROLLO DE LA ECONOMÍA SOCIAL Y SOLIDARIA Y EL COOPERATIVISMO EN MÉXICO	
Luz Elvia Garcia Ramos	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240114">https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240114</a>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>204</b>
AGLOMERAÇÕES PRODUTIVAS AGRÍCOLAS E NÃO AGRÍCOLAS NO MEIO RURAL PIAUIENSE	
José Edson Rodrigues Júnior Edivane de Sousa Lima	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240115">https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240115</a>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>220</b>
ANÁLISE COMPARATIVA DAS ESTRATÉGIAS DE <i>MARKETING MIX</i> ADOTADAS EM TRÊS MERCADOS DE PROXIMIDADE AGROECOLÓGICOS	
Heliene Macedo de Araújo Marta Cristina Marjotta-Maistro	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240116">https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240116</a>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>242</b>
APICULTURA EM ÁREA DE RESERVA LEGAL COMO FORMA DE DIVERSIFICAÇÃO ECONÔMICA NA AGRICULTURA FAMILIAR	
Mariane Rodrigues da Vitória	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240117">https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240117</a>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>252</b>
UMA ANÁLISE EMPÍRICA E DOCUMENTAL SOBRE O ESTADO DE IMPLEMENTAÇÃO DA ECONOMIA VERDE EM MOÇAMBIQUE: REALIZAÇÕES, DESAFIOS E PERSPECTIVAS (2010-2020)	
Kayle Chaves Rustangy Viegas Nhenge	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240118">https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240118</a>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>263</b>
DESARROLLO HUMANO Y CAÍDA DE PIB PROVOCADA POR EL COVID-19: PAÍSES CON ALTO Y BAJO DESARROLLO	
Imelda Ortiz Medina Pedro Plata Pérez Jorge Martínez Pérez	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240119">https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240119</a>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>272</b>
O PÓLO DE IMPERATRIZ: CARACTERIZAÇÃO E PERSPECTIVAS	
Edgar Oliveira Santos	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240120">https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240120</a>	

**CAPÍTULO 21.....298**

**PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS VÍTIMAS DE ACIDENTES DE TRANSPORTE TERRESTRE NO BRASIL E PERNAMBUCO A PARTIR DE MICRODADOS DA PESQUISA NACIONAL DE SAÚDE – 2013**

Josicleide Montenegro da Silva Guedes Alcoforado

Ana Carla Silva Alexandre

Idalacy de Carvalho Barreto

Irla Maria Vidal de Souza Medeiros

José Ricardo Bezerra Nogueira

Patricia Rejane Ribeiro Bispo

Nelson Miguel Galindo Neto

Guilherme Guarino de Moura Sá

Deisyelle Magalhães Barbosa

Débora Montenegro da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240121>

**CAPÍTULO 22.....312**

**ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE GASTO PÚBLICO PER CAPITA EM SAÚDE E A TAXA DE MORTALIDADE INFANTIL NAS QUATRO MACRORREGIÕES DE SAÚDE DO ESTADO DE PERNAMBUCO NO PERÍODO E 2008 A 2012**

Harley Davidson Rocha de Lima

Moacyr Jesus Barreto de Melo Rego

Rodrigo Gomes de Arruda

Tatiane Almeida de Meneses

Maira Galdino da Rocha Pitta

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240122>

**CAPÍTULO 23.....329**

**INVESTIMENTO PRIVADO: EVOLUÇÃO TEÓRICA E HISTÓRICA NO BRASIL**

Tiago Wickstrom Alves

Emanuelle Nava Smaniotto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240123>

**CAPÍTULO 24.....353**

**PREVISÃO DE FALÊNCIA E PERFORMANCE: A INFLUÊNCIA DA CERTIFICAÇÃO DE QUALIDADE NAS EMPRESAS PORTUGUESAS**

Cândido Jorge Peres Moreira

Mário Alexandre Guerreiro Antão

Pedro Miguel Baptista Pinheiro

Domingos Custódio Cristóvão

Catarina Carvalho Terrinca

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240124>

**CAPÍTULO 25.....365**

**O IMPACTO SÓCIO-ECONÓMICO DA PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DO SAL MARINHO EM MOÇAMBIQUE: O CASO DA CRISE DO MERCADO DO DISTRITO DA**

ILHA DE MOÇAMBIQUE

Octávio Francisco Xavier Uaite

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240125>

**CAPÍTULO 26.....381**

TURISMO REGIONAL Y MERCADO LABORAL: LA FUNCIÓN DE LA AGENCIA DE VIAJES COMO UNIDAD ECONÓMICA (2003-2010)

Laura Isabel Tottino

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240126>

**CAPÍTULO 27.....397**

REDES SOCIAIS E PERFORMANCE ELEITORAL: UMA ANÁLISE DAS ELEICOES DE 2018 PARA GOVERNADOR

Paulo Henrique Rocha de Souza

Francisco Antonio Sousa de Araujo

Paulo de Melo Jorge Neto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240127>

**CAPÍTULO 28.....411**

SMART CONTRACTS: O REINVENTAR DO DIREITO CONTRATUAL NA ERA TECNOLÓGICA

Mateus Catalani Pirani

Emily Romera Fagundes

Julia Gothard Ribeiro da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240128>

**CAPÍTULO 29.....423**

A RELAÇÃO DO CONSUMIDOR COM OS GAMES: FORTNITE, UM ESTUDO DE CASO

Felipe Casteletti Ramiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240129>

**SOBRE O ORGANIZADOR.....434**

**ÍNDICE REMISSIVO.....435**

## TURISMO REGIONAL Y MERCADO LABORAL: LA FUNCIÓN DE LA AGENCIA DE VIAJES COMO UNIDAD ECONÓMICA (2003-2010)

*Data de aceite: 10/01/2022*

**Laura Isabel Tottino**

Instituto de Investigaciones Gino Germani, UBA

Este artículo destaca un capítulo de una tesis de maestría, que se enfoca desde una visión sociológica, en los trabajadores y las trabajadoras del sector de servicios turístico que realizan sus labores en las agencias de viajes de Ciudad Autónoma de Buenos Aires entre los años 2003 y 2010 con el objetivo de explorar el tipo de trabajo y la organización del servicio. Pero en esta oportunidad se intenta relacionar el crecimiento del sector turístico con el empleo. Principalmente por la importancia que adquiere el sector como generador de empleo en Argentina, al presentar un crecimiento del 61,38% entre el 2002 y el 2008.

**RESUMEN:** El turismo argentino es un fenómeno que se destaca por su creciente desarrollo económico y social. Por la diversidad y transversalidad que presenta es difícil delimitarlo y, laboralmente es muy heterogéneo por el abanico de actividades que ofrece. Por ello, se considera en este artículo que es importante comenzar a vislumbrar la función que está cumpliendo el turismo en Argentina, especialmente en materia de empleo. Con el fin de dar cuenta de la importancia que asume el sector de actividad de turismo argentino, se observa la evolución del empleo en el período 2003-2010 y se caracteriza a la agencia de viajes como una unidad económica generadora de riqueza. Y se pone de relieve la función que cumple la agencia como entidad económica y

productiva, en términos de sus interconexiones con la sociedad y las diversas industrias que trabajan para el turismo, es decir, como entidad de funcionamiento.

**PALABRAS CLAVE:** Turismo - trabajo - Agencia de viajes.

### REGIONAL TOURISM AND THE LABOR MARKET: THE ROLE OF THE TRAVEL AGENCY AS AN ECONOMIC UNIT ECONOMIC UNIT (2003-2010)

**ABSTRACT:** Tourism in Argentina is a phenomenon known for its growing economic and social development. Owing to its diversity and transversality, it is difficult to delimit and, occupationally, it is very heterogeneous in the range of activities offered. Therefore, this article focuses on the importance of starting to see the role of tourism in Argentina, especially concerning employment. In order to show the relevance that has the sector of the activity of tourism in this country, it is observed the employment evolution in the years 2003-2010 and travel agencies are regarded as an economic wealth-generating unit. In addition, it is conveyed the role of the travel agency as an economic, productive entity in the area of tourism, regarding its interconnections with society and the various industries that work for tourism, that is to say, as a functional entity.

**KEYWORDS:** Tourism - Job - Travel agencies.

El turismo como sector de actividad se vuelve en esta última década de gran interés no solo para los estudiosos del tema sino para los gobiernos y sus economías en materia de

empleo, dado que se caracteriza principalmente porque agrupa a una gran diversidad de puestos de trabajos. Como sector de actividad presenta una gran capacidad para generar divisas, atraer inversión privada y promover de forma rápida nuevos puestos de trabajo.

En retrospectiva se observa que “los países hegemónicos, desde la Segunda Guerra mundial promueven una resuelta intervención destinada a lograr una presencia mayor del turismo en los mercados.” (Getino, 2009, p.16). Ya en 1982, la protección y el mejoramiento de los diversos elementos que constituyen el medio ambiente del hombre figuran entre las condiciones fundamentales del desarrollo armonioso del turismo. Estados Unidos y Gran Bretaña, siendo en un primer momento dos de los países más desarrollados, utilizan en principio diversas medidas restrictivas, para evitar la fuga de divisas originadas por la salida anual de millones de turistas. Estas medidas resultaron ineficaces, lo que provoca la búsqueda de una mejor estrategia para buscar el dinero allí donde se gasta. Así, este sistema sigue la tendencia actual de las grandes sociedades económicas, basada en la constitución de empresas transnacionales, que tiene por finalidad crear un circuito cerrado para que las divisas que salen de sus países regresen incrementadas. Según Allen Ulate, Cordero, (1998) en países como Argentina (en desarrollo) esta situación influye en el sector de servicios, y en particular en el sector de turismo con una fuerza casi igual a la del sector industrial.

Desde una visión distinta en un comunicado, la Conferencia de la ONU sobre el Comercio y el Desarrollo (UNCTAD) sostuvo que el turismo tiene gran potencial para sacar a las poblaciones de los países menos adelantados, de la pobreza. “La Conferencia de Naciones Unidas para el Comercio y Desarrollo (UNCTAD, por sus siglas en inglés)<sup>1</sup> advierte que el turismo es uno de los rubros económicos más importantes para los países en desarrollo. Como ejemplos tenemos a las naciones del Caribe, que tras la reestructuración económica que se produjo luego de su independencia se busca incrementar la competitividad en ámbitos no tradicionales, donde el turismo tiene una gran participación” (Catalano, 2013, p.205) y el MERCOSUR<sup>2</sup>, que también cuenta con políticas concretas de cooperación con el fin de concientizar sobre el impacto que tiene el turismo en las economías del Sur. La importancia que asume el turismo en la región latinoamericana, es la aportación económica que produce o puede producir en materia de empleo y de ingresos de divisas.

También la “Declaración de Manila”, con un sentido transformador, manifiesta que como actividad, el turismo se convierte en una alternativa para muchos hombres y mujeres que desean trabajar. Que tiene consecuencias directas para los sectores sociales, culturales, educativos y económicos de las sociedades nacionales. En ese mismo año (1980), la Asamblea General de la Naciones Unidas, destaca la importancia del turismo

1 ([www.un.org/spanish/News/story.asp?NewsID=20933](http://www.un.org/spanish/News/story.asp?NewsID=20933))

2 El Mercado Común del Sur es un proceso de integración regional fundado en 1991 por Argentina, Brasil, Paraguay y Uruguay. En fases posteriores se incorporaron Venezuela y Bolivia.

mundial y pide su desarrollo como medio para alcanzar un nuevo orden económico internacional que permita la supresión de las desigualdades económicas entre los países subdesarrollados y los más industrializados. En la actualidad existe un gran consenso sobre el papel que el turismo desempeña y puede desempeñar directa e indirectamente sobre la economía de un país, en términos de creación de valor agregado, empleo, renta personal e ingresos.<sup>3</sup>(Anuario Estadístico de Turismo 2006; OMT; Cordero Ulate, A. 1998; Lash, S. y Urry, J. 2006). Debido a que el desarrollo de esta actividad manifiesta un inmenso potencial para generar beneficios económicos y sociales.

El turismo internacional es considerado generalmente como una exportación de una región o nación hacia otro destino, es decir hacia el país receptor o lugar de destino en el que se genera renta, se favorece la creación de empleo, se aportan divisas que ayudan a equilibrar la balanza de pagos, se aumenta los ingresos públicos y se fomenta la actividad empresarial. Así la actividad turística cobra importancia en las economías, debido a su elevada aportación a la generación de valor Añadido Bruto en la región receptora. Sin embargo su importancia tiene distinta intensidad según sea el dinamismo y la diversificación de cada una de las economías y las sociedades. Así la economía en cuestión puede ser la propia de un país desarrollado o de un país en desarrollo, puede estar basada en varias industrias o en una sola, por lo que el turismo puede representar una opción importante para la misma o ser completamente irrelevante. Estas características van a determinar el grado de participación local y de las inversiones extranjeras en el desarrollo de la actividad turística, así como los beneficios y costes que se derivan de ella (Sancho, Amparo; 2008)

Como actividad dinamizadora de la economía, el turismo receptivo internacional aporta divisas y su evolución no depende en forma excluyente de la economía interna sino que muchas veces contribuye a amortiguar las situaciones de recesión en los mercados internos, como ocurre en la Argentina luego del default a principio de 2002, debido principalmente a la coyuntura cambiaria (devaluación de la moneda) y el impulso que recibe a través de un conjunto de políticas públicas la oferta turística. En un contexto donde el crecimiento del sector de servicios en general a diferencia del sector industrial, lo coloca en un lugar de privilegio como atrayente de capitales y promotor de nuevos puestos de trabajo.

Por ello se considera en este trabajo, que es importante comenzar a vislumbrar la función que está cumpliendo el turismo en la Argentina, especialmente en materia de empleo. Porque “si bien todas las personas quieren un empleo, quieren sobre todo un buen trabajo”<sup>4</sup>. Esto implica como sostiene la OIT (Oficina Internacional del Trabajo), tener un empleo de calidad, pero no solo eso. Implica la existencia de un marco regulador de la actividad laboral y de la relación de trabajo que garantice muy especialmente los derechos fundamentales de trabajadores y empleadores. Implica gozar de adecuados niveles de

3 En el pasado el abordaje analítico del turismo se centraba en las características de los visitantes, en las condiciones en que llevaban a cabo sus viajes y estancias, el motivo de la visita, etc.

4 Generando Trabajo Decente en el Mercosur; Volumen I. Pág. 11.

protección frente a la adversidad como son los accidentes y las enfermedades y durante la vejez. Implica asimismo, el derecho y, en ese marco, participar en procesos de diálogo social a nivel micro (la empresa), meso (provincias o ámbitos locales) y macro (país).<sup>5</sup>

En materia de empleo, los datos estadísticos que produce el MINTUR<sup>6</sup>, dan cuenta solo de la cantidad de empleo creado y registrado en el sector de actividad turístico, pero no de su calidad y menos aún se hace referencia a la existencia del trabajo no registrado o en negro. Por eso es válido señalar que los datos de empleo y desempleo son insuficientes para observar muchos aspectos del mercado de trabajo debido a que muchos de estos empleos en el sector en estudio no son a tiempo completos, ni tienen las mismas condiciones de estabilidad, formalidad e ingreso. “Para obtener un panorama más completo sobre la situación del mercado laboral, es necesario observar las condiciones de trabajo en el sector turístico y las características socio-demográficas de los empleados” (Oliva, Miguel; 2006, p. 42). En consecuencia asevera el autor que también el empleo, en las ramas característico de turismo, refleja que este sector es poco homogéneo en términos de formalidad y de condiciones de trabajo y que la heterogeneidad laboral revela, la diversidad y transversalidad del abanico de actividades que ofrece (Miguel Oliva, Constanza Schejter; 2006, p.44).

Desde este artículo se espera propiciar el debate acerca de lo que se considera decente o de muy baja calidad en el sector de actividad turístico argentino, así como del tipo de contrato que promueve su organización en el sector, porque se entiende que los empleos de baja calidad (mal remunerado, inestable, de jornadas extendidas) en los lugares donde se asienta el turismo no es una consecuencia derivada de las características intrínsecas del turismo, sino de cómo éste se organiza en cada región. Se toma como ejemplo para este ejercicio a las agencias de viajes de Ciudad de Buenos Aires.

## **PROYECCIÓN HISTÓRICA DEL TURISMO EN ARGENTINA EN LOS ÚLTIMOS AÑOS**

El turismo argentino como sector de actividad económico, presenta un crecimiento moderado en los últimos años. En retrospectiva, se observa que (cuadro1), en los últimos años de la década de los '90 este sector crece de forma moderada hasta 1999 que es cuando se avecina la profunda crisis económica, política y social. En el año 2001 decrece en gran parte, debido a la crisis económica por la que transcurrió el país con el gobierno del presidente De La Rúa. Lo que sucede en 2001 es que, luego de 10 años, el sistema cambiario fijo aplicado por la “Ley de convertibilidad” de 1991, se quiebra y la cotización del dólar respecto al peso abandona su paridad de un peso por dólar. Este cambio de una tasa fija a una tasa flotante da lugar a una devaluación de la moneda argentina y así se inicia una nueva etapa en la economía argentina en la cual los tipos de cambio resultan ser

<sup>5</sup> Generando Trabajo Decente en el Mercosur; Volumen I. Pág. 11.

<sup>6</sup> Contribuye a esclarecer la evolución de la actividad, la creación de puestos de trabajo remunerados y registrados, y a evaluar más precisamente el impacto sobre esta contribución de distintas políticas e inversiones públicas y privadas

más convenientes para impulsar la exportación de ciertos productos, como el que ofrece el sector de turismo. A partir de ese entonces, y debido al tipo de cambio favorable, el país se torna competitivo y comienzan a llegar cada vez más turistas internacionales.

En relación trabajo, la configuración macroeconómica en la década de 1990, resulta sumamente nociva para la creación de empleo, lo cual se traduce en un aumento de la desocupación y de la subocupación sin precedentes. El deterioro se extiende también a las condiciones de trabajo y a la estabilidad de las ocupaciones (Campos; G. y Sacavini 2010; p 49). En relación al sector de actividad de servicios, donde se encuentra el turístico, Pérez, P. (2001) basándose en las estimaciones del Censo de 2001 y datos de la EPH encuentra que esta situación vuelve atractivo al sector de servicios, sobre todo para paliar la problemática de la ocupación en el país, que se agudiza a partir de la crisis de 2001, donde el 18% de la población económicamente activa (PEA<sup>7</sup>) se encuentra desempleada y a su vez, de la población ocupada, el 20% se encuentra subocupada por el horario.

“La mayor presencia de los jóvenes en los sectores de la construcción y de los servicios, sectores típicamente de trabajo intensivo, tienen efectos positivos sobre su tasa de empleo. La OIT (2005) encuentra que el sector de servicios es el sector que presenta un crecimiento más intensivo en trabajo”

Variación %	AR	BR	PY	UY	CH	TTL
1995 - 1996	14	34	-3	4	-6	12
1996 - 1997	6	7	-7	9	13	7
1997 - 1998	9	69	-11	-6	7	21
1998 - 1999	-4	6	-23	-2	-7	-1
1999 - 2000	0	4	7	-2	7	3
2000 - 2001	-10	-10	-3	-4	-1	-8
2001 - 2002	8	-21	-10	-37	-18	-17
2002 - 2003	6	9	7	11	14	9
2003 - 2004	15	16	16	24	11	16
2004 - 2005	11	12	10	2	14	10
2005 - 2006	9	-6	14	-5	11	1
2006 - 2007	9	0	7	0	11	5
2007 - 2008	3	0	3	24	8	6
2008 - 2009	-8	-5	2	2	2	-4
2009 - 2010	24	7	6	18	1	12
Variación promedio anual	6	8	1	3	4	5

CUADRO 1: Variaciones interanuales correspondientes a la llegada de turistas extranjeros, en porcentajes. 1995-2010.

Fuente: Cuadro en base a los datos obtenidos de la OMT para los países Argentina, Brasil, Uruguay y Paraguay y datos obtenidos de la Sernatur para Chile. En Catalano B; (2014).

7 PEA: 15.203; Ocupados: 12.421; Subocupados: 2478; Desocupados: 2782 (en miles).

A partir de las variaciones interanuales correspondientes a la llegada de Turistas extranjeros, se puede observar (cuadro 1) que en la década de los '90 Argentina presenta un crecimiento moderado exceptuando el año 1999 donde se visualiza una reducción del -4% y que continua en el año 2001 donde se visualiza una merma del -10 %. Sin embargo, a partir de 2002 debido al tipo de cambio favorable para el turista extranjero, el país se torna competitivo y comienzan a llegar cada vez más turistas internacionales. Tal es así que, desde 2002 hasta 2008 se encuentra que el crecimiento es del 61 %<sup>8</sup> (considerando una media cercana a 8.74 % anual<sup>9</sup>). En el año 2008, producto de la crisis internacional la entrada de turistas se reduce (-8%) pero merece la atención que al comparar el crecimiento de las llegadas internacionales entre 2009 y 2010 versus el observado entre 2008 y 2009, Argentina es el país que tiene el mayor crecimiento en la llegada de turistas internacionales en el año 2010 (24%), en comparación con el resto de los países de la región (Mercosur + Chile)<sup>10</sup>.

Si bien los tipos de cambio y los precios relativos son dos variables fundamentales que impactan en la evolución del turismo receptor como es el caso de Argentina, se observa que desde 2002 la Argentina presenta un crecimiento constante y a tasas significativas en la llegadas de turistas extranjeros, salvo en 2008 (-8%).

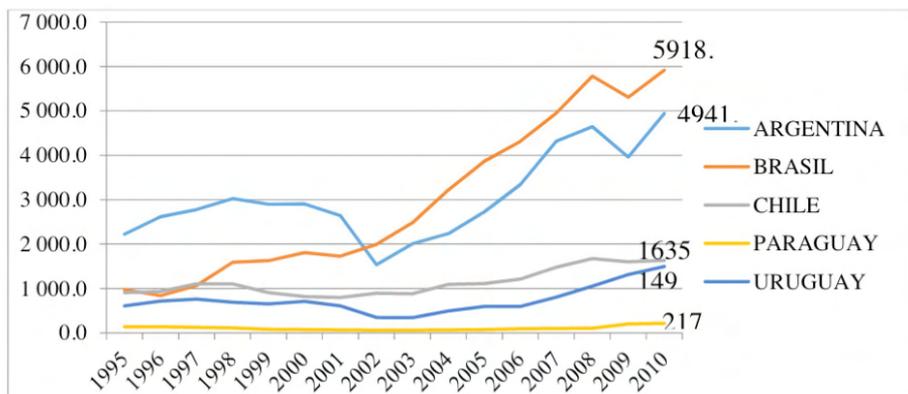


GRÁFICO 1: Ingresos de Divisas por Turismo en los países del Mercosur y Chile, en millones de dólares, 1995-2010

Fuente: CEPALSTAT – Balanza de Pagos – Cuenta Viajes. En Catalano B. (2014).

En cuanto a los ingresos de divisas por turismo se puede observar que los datos ubican a la Argentina en segundo lugar, luego de Brasil (Gráfico 1). No obstante, a través de ambos cuadros que comparan al país con el resto de los países de la región (Brasil,

8 Este porcentaje corresponde a la suma de los años 2002 hasta 2008 que figuran en el cuadro 1.

9 Es importante considerar como lo indica Catalano, B: (2014) que la media de crecimiento del turismo mundial se sitúa en ese período entre un 5 y un 6% anual.

10 Es cierto que este abrupto crecimiento se debe al efecto rebote propio luego de una declinación de la economía, sin embargo ese considerable porcentaje resultó ser muy importante para la industria turística en el país.

Paraguay, Uruguay y Chile), se observa el crecimiento y la importancia que asume en el período de estudio (2003-2010) la actividad del turismo en la Argentina. A partir de fines de 2002 se observa en el país, que la devaluación de la moneda ofrece una situación favorable para el arribo de llegadas de turistas. Según datos del INDEC, durante 2004 se registra un nuevo record de visitantes extranjeros al país, que alcanza la cifra de 3,3 millones de turistas, 11,9% más que en 2003. Por otro lado también se registran cambios en los mercados interesados por Argentina donde la demanda<sup>11</sup> turística de visitantes extranjeros revaloriza al país. Comparado con otro rubro de exportación el turismo genera más del doble de las divisas por la exportación de carnes y ligeramente inferiores a las exportaciones de cereales (productos tradicionales del comercio exterior argentino). La evolución está marcada en un primer momento (2001-2002) por la coyuntura económica y social desfavorable, pero superada la crisis, el crecimiento del sector es destacado. (Besson, 2006, p.187).

## LA FUNCIÓN DE LA AGENCIA COMO UNIDAD ECONÓMICA

La agencia es una unidad económica generadora de riqueza, con una estructura bastante rígida dado que obedece a la propia rigidez de la oferta turística. Allí imperan los objetivos de servicio y de lucro, además cuenta con una organización social y humana en una estructura que se observa mayormente formal, donde se aplican las técnicas de gestión. Razón por la cual requiere, de forma ideal, personal calificado y/o con conocimiento específico en turismo. Interactúa tanto en el mercado nacional como en el internacional, con una demanda que no es continua (más bien intermitente), porque está sujeta principalmente a las fluctuaciones de los precios además del control gubernamental.

Hasta acá, se delinea en forma breve “el perfil y la estructura de la empresa turística como ente productivo, y proveedor de servicios de recreación en el marco de, la cultura del ocio” (Cavassa, C. R. 2007, p.90) que desde los países centrales o con mayor capacidad adquisitiva se va expandiendo e incrementando. En éste apartado, se va a poner de relieve la función que cumple la agencia como entidad económica y productiva en el sector de turismo, en términos de sus interconexiones con la sociedad y las diversas industrias que trabajan para el turismo, es decir, como entidad de funcionamiento. Porque se considera que la interpretación de la función de intermediación o interconexión en el sistema turístico mediante la tarea laboral, es lo que va a permitir que se logre una mejor comprensión y caracterización del tipo de trabajo que se genera.

Lo que posibilita la generación de nuevos puestos de trabajo en el sector de servicios de turismo en general y de la actividad específica que se realiza en las agencias en particular, es su sentido (económico). En cuanto a la agencia como entidad de trabajo, su función es la de intermediación o interconexión entre la demanda abierta y los países que generan turismo. Desempeña a su vez el rol de ofertante (hacia el turista) y de demandante

<sup>11</sup> La demanda impacta en la organización del sector.

(hacia el prestador de servicio). Hay que aclarar que esta intermediación es posible gracias al puente que representa el sistema turístico mundial<sup>12</sup> actual, entre las personas que están en condiciones de hacer turismo y las personas que viven y sobreviven del sistema de producción turística; que se desenvuelve en una estructura jerarquizada de diferentes niveles de productividad y que también es el resultado del desarrollo desigual y combinados de estados, regiones, ramas de la misma industria y de empresas particulares..

A causa de este fenómeno continúan en incremento las relaciones entre los países desarrollados y en desarrollo, convirtiéndolo en un gran sistema de oferta y demanda, de producción y consumo, altamente interdependiente, en el que el turismo asume mayor importancia por sus implicancias económicas, culturales y políticas. Este desarrollo está desencadenado por la búsqueda de ganancias extraordinarias. Los Organismos Oficiales de Turismo (UIOOT), dicen que el desarrollo sin precedentes del turismo en estos últimos años es uno de los signos manifiestos del aumento del nivel de vida en los países industrializados. Porque el turismo se desarrolla rápido, en relación a otras formas de transacciones internacionales, además las entradas que surgen a partir de él, son una fuente importante de divisas extranjeras dentro de un buen número de países. En cuanto a los países en vías de desarrollo, a la vez, sostienen que existe una gran posibilidad de explotar este campo y un reto a levantarse. Que el reto es hacer, que la expansión benéfica de divisas que provienen del turismo sirva para dar una base mucho más grande a la aceleración del desarrollo económico (UIOOT, 1973). Desde esta óptica, es factible pensar que el turismo es un gran atrayente de capitales, pues en un contexto de globalización y flexibilización laboral, emerge como una fuente extraordinaria de ganancias. Sin embargo hay que tener presente que “el subdesarrollo no permite viajar por placer, sino emigrar buscando trabajo; tampoco facilita el tiempo de ocio sino, por el contrario, promueve el subempleo o la desocupación más o menos generalizados”. (Getino, 2009, p.9).

Los países latinoamericanos, sobre todo los de importante desarrollo turístico se colocan principalmente como oferentes de servicios. Además las dificultades que provocan las crisis económicas a los individuos de estos países, no solo les restringe la posibilidad de salir de sus lugares de origen a hacer turismo, sino que grandes sectores de la población deben trabajar bajo las condiciones que los coloca el capital transnacional turístico. Estas características, explican no solo el lugar que ocupan los países en desarrollo en el turismo mundial, sino la gran contradicción laboral cuando gran parte de la población local debe emplearse en el turismo como recurso último de sobrevivencia, ante el recorte de las posibilidades laborales y la pérdida incluso de los bienes locales en pos del “desarrollo turístico” (Cordero Ulate; 2006). En suma, el turismo es una actividad económica compleja dado que es transversal a otras actividades y, a su vez, interdependiente de otras industrias de servicios tales como la gastronómica, la hotelera y la de transportes. (Tottino, L y

---

<sup>12</sup> Con un 10% del PBI mundial y más de 115 millones de empleos directos, tal como lo indican las estadísticas de la Organización Mundial del Turismo (OMT)

Catalano, B., 2014). En esta actividad tan compleja que es atravesada por los avances tecnológicos en su gestión, vale preguntar en relación a las agencias, como siguen existiendo en Argentina cuando internet suple su función y las personas acceden desde sus máquinas particulares a hacer reservas de viajes y de pasajes. Porque se entiende que el uso que la sociedad hace de internet suple cada vez más la función que cumple la agencia

Las agencias siguen existiendo, en primer lugar, porque en Argentina, todavía hay zonas y/o regiones donde internet es de difícil acceso porque el sistema funciona mal o directamente no llega el cable coaxial y la población no tiene conocimientos informáticos. Por el contrario, en las zonas donde hay internet y funciona mejor, se observa que existe bastante trabajo subterráneo que se genera por internet y que compite con la agencia. En segundo lugar, porque todavía no están dadas las condiciones estructurales para que la población pueda, por un lado tener acceso a internet y por otro lado, manejarlo. Porque a diferencia de los países con mayor desarrollo o con más poder adquisitivos todavía no contamos con permanentes mejoras y ampliaciones de la tecnología en relación a la infraestructura de los servicios y a las instalaciones. Por último, por la confianza que le genera a muchos usuarios o clientes, el hecho de contar con un operador que se haga responsable ante el surgimiento de alguna dificultad o imprevisto durante sus viajes.

En relación al sistema productivo turístico, la expansión nacional y la obtención de mayores ventajas competitivas de las agencias, dependen de la evolución del turismo argentino y el lugar que ocupe en la economía a escala global. Por ello es interesante observar que en el periodo de estudio, Argentina, no solo sufre un impacto positivo del desarrollo del turismo como una de las principales actividades económicas, sino que sucede al compás de un mayor desarrollo de todos los servicios. Así, las últimas décadas evidencian un creciente peso de los flujos de inversión extranjera directa a escala global. Pues se observa cada vez más, una mayor competencia en servicios asociados a los productos (pos-venta, asistencia técnica, imagen de marca, etc.) lo que induce a las empresas transnacionales a invertir en actividades periféricas a su propio negocio principal (que incluyen actividades diversas, servicios contables, legales, administrativos, call centers, servicios técnicos, servicios de back o front office y procesos de negocios con diferentes niveles de complejidad) (Kosacoff, B. y López, A., 2008).

En cuanto a los propósitos de las multinacionales que participan de la actividad económica turística, no solo se ven favorecidos por la situación de progreso social de la población de los países más industrializados, que les posibilita practicar el turismo a más capas sociales, sino también porque en esos países hubo una reducción de la jornada laboral, lo que re-ubicó al turismo como una necesidad inherente al mejoramiento de la calidad de vida dejando atrás el concepto de lujo. Por ello su evolución o crecimiento depende de la demanda turística y de los conocimientos aplicados al proceso productivo que crece y se dinamiza a medida que la demanda se va modificando como consecuencia de los requerimientos y exigencias en los servicios, las recreaciones y comodidades que son

cada vez mayores. A esto hay que sumarle, las mejoras y ampliaciones que se introducen a través del progreso tecnológico en la infraestructura de los servicios y en las instalaciones, más, el flujo de información, la publicidad y el trabajo de las empresas a cargo del recurso.

Según Cordero, Ulate (2006) y Getino, O. (2009) las diferencias existentes entre las regiones no solo no disminuyen con el desarrollo del sector, sino que se acentúan. Porque aunque este sector mantenga el crecimiento, no sigue la misma dirección, ni beneficia a los mismos destinos a causa de las modificaciones que producen los países tanto emisores como receptores, y los cambios políticos y económicos a los que se exponen, al igual que el proceso de centralización de capitales<sup>13</sup>. Con respecto al proceso de centralización de capitales se puede observar que tiene una faceta técnica y otro de carácter económico-social. En cuanto a lo técnico se hace referencia a la creciente división del trabajo que solo es posible gracias a una extensión de las funciones intermedias, es decir la expansión del comercio, los transportes y los servicios en general. En cuanto al aspecto económico, se expresa como centralización de capital mediante otras formas, mediante la integración vertical de grandes compañías, firmas transnacionales y conglomerados. (Cordero Ulate, 2006, p.35). Según éste autor hay que entender al turismo como actividad económica y social que se convierte para muchos capitales en una fuente extraordinaria de ganancias y que asume una forma productiva que involucra cada vez más a la fuerza de trabajo en la gestión de la producción. Donde además se puede adaptar conceptos organizativos de fuerza de trabajo como Taylor-fordismo o especialización flexible o como refiere Scott Lash y John Urry, *acumulación reflexiva*. Puesto que los flujos de producción demandan mayores calificaciones y requieren competencias técnicas crecientemente complejas (Naclerio, 2006, p. 75). En relación a las formas internas de organización del trabajo en las agencias, es imprescindible tener presente los cambios sufridos en el denominado capitalismo posmoderno, con el fin de superar las crisis taylorista- fordista. A causa de esta se introducen diversas maneras de organizar el trabajo, como los denominados *just in time*, los círculos de calidad, la calidad total, etc. Con el objetivo de lograr sistemas organizativos que involucren cada vez más a la fuerza de trabajo en la gestión de la producción.

Los flujos de producción en turismo tanto en los países con mayor desarrollo tecnológico como en los de menor acceso a ello, demandan en el puesto de trabajo (que requieren técnicas crecientemente complejas) responsabilidad, compromiso y mayores calificaciones. En efecto en estas empresas se observa un sistema organizativo que necesita involucrar cada vez más a la fuerza de trabajo en su gestión de producción. Pero en esta línea de análisis aparece una contradicción en relación al trabajo, porque por un lado, el capital turístico requiere de consumidores posibilitados de comprar los servicios

---

13 "En el análisis mandeliano, en un primer momento, los capitales se mueven hacia donde hay oportunidades de una acumulación ampliada del capital a partir de que se ubiquen posibilidades de captar ganancias extraordinarias. En este sentido es preciso aprovechar las desigualdades, es decir los nuevos sectores de acumulación que surjan al calor de los cambios históricos. Pero, una vez que los capitales empiezan a fluir, invariablemente se experimenta, una vez más, un proceso de centralización capitalista. " Ver, Ulate, C (2006, p. 35)

turísticos y por otro lado, el capital turístico, donde se incluye a las agencias, requiere de trabajadores/as baratos/as, es decir, que sus necesidades no sean complejas sino reducidas a su mínima expresión. Por lo que es imprescindible preguntarse cuál es la función que están cumpliendo las agencias de viajes como entidad productiva, cuando requiere trabajadores y trabajadoras muy involucrados en su organización y a un muy bajo costo. En el sistema turístico de un país como Argentina, que promueve el desarrollo del turismo con la finalidad de generar empleo.

Como ya se explico con antelación, la función que cumple la agencia en el sector turístico es la de intermediación o interconexión entre la demanda y las industrias que trabajan para el sector, pero procurando maximizar sus ganancias con el menor costo. Porque se observa en las agencias de viajes de CABA<sup>14</sup>, que involucran en su organización productiva a trabajadores y trabajadoras altamente calificados, ofreciéndoles muy bajos salarios.

Según Neris Miguel Besson, (2006), el turismo es un sector de exportación invisible sobre el que el país tiene un mayor control ya que no está sujeto a aranceles, regulaciones y trámites del comercio internacional y donde cuenta con la utilización de mano de obra intensiva, puesto que se presenta como oferente de numerosas oportunidades de trabajo y negocio para las mujeres y los jóvenes. Pero la existencia de numerosos subsectores y el pequeño tamaño de la mayoría de las empresas turísticas complican la tarea de identificación de negocios estratégicos y dificultan la organización y colaboración entre los actores para ser más competitivos así como la visibilidad del trabajo de calidad con los que conviven cotidianamente las mujeres y los hombres insertos en las empresas turísticas argentinas. La dificultad aquí referida es producto de la multisectorialidad y la complejidad que distingue al sector de turismo. Entonces me preguntó qué función social cumple el sector de actividad turística en relación al trabajo “cuando es poco homogéneo en términos de formalidad y de condiciones de trabajo “(Miguel Oliva, Constanza Schejter, 2006, p. 44). Porque las condiciones de informalidad y precariedad en relación a los salarios y las jornadas de trabajo, por un lado contribuyen a reforzar las desigualdades sociales existentes en la región en materia de empleo y por otro, restringe la posibilidad de avanzar en el proceso de inclusión y movilidad social que está viviendo la sociedad Argentina a partir de 2003 en materia social<sup>15</sup>. Teniendo en cuenta que las estadísticas sobre el turismo y el empleo Argentino, imprimen un crecimiento vertiginoso en los últimos años.

Por lo pronto, la evaluación de los flujos turísticos y del empleo que genera en

---

14 En cuanto al trabajo de campo es necesario especificar que los datos primarios de índole cualitativos resultan del recorrido por los lugares de trabajo. Durante el relevamiento, la poca disposición de los dueños de las empresas a contestar preguntas atinentes al tipo de trabajo, me posiciona como un observador participante, más allá del nivel de profundidad adquirido durante un año, en las distintas agencias de viajes visitadas en la ciudad (50 agencias de viajes elegidas al azar en CABA). Los datos secundarios que resultaron de 105 encuestas, producto de un proyecto de investigación (convenio UBA/MINTUR) fueron de suma utilidad porque se trabajó en un tema sobre el que no hay casi antecedentes en el país.

15 Se hace referencia a un proceso emerge con el proyecto político del gobierno de Néstor Kirchner y que se mantiene hasta finalizado el gobierno de Cristina Fernández de Kirchner.

los sectores de actividad económica que dependen, total o parcialmente, del turismo, tales como el transporte, principalmente aéreo, el alojamiento, los restaurantes, el sector de las agencias de viajes, receptores y tour operadores y su impacto en la economía; requiere con urgencia de la adopción de definiciones precisas y de la aplicación de métodos rigurosos, de mediciones estadísticas, a menudo insuficientes en la Argentina. Los estudios del sector son muy importantes para trabajar en pos de una mejor configuración de la oferta final, así como en la calidad y la competitividad no solo del producto turístico, sino de las condiciones en las que trabajan muchos hombres y mujeres en ese tipo de producción. Para dar cuenta de la importancia que asume el sector de actividad de turismo argentino también se observa la evolución del empleo en el periodo 2003-2010. No obstante cabe señalar que en cuanto a la actividad económica, en este estudio de caso, se tienen en cuenta todas las actividades orientadas a la obtención de un ingreso (monetario o en especie<sup>16</sup>), ya sea directa o indirectamente, independientemente de la capacidad de identificar una profesión u ocupación específica.<sup>17</sup> Aquí se hace referencia al trabajo como “una actividad humana orientada hacia un fin, que es la producción de bienes y servicios que se destinan a la satisfacción de necesidades sociales” (Neffa, J. C.1996; p35) y no específicamente al empleo<sup>18</sup>, es decir, solo a “la actividad donde predomina el trabajo remunerado bajo la modalidad salarial o con el producto de la venta de la producción o servicios, que incluye a todo aquel que se desarrolla en actividades mercantiles, así como al trabajo que se lleva a cabo tanto en la administración pública como en tareas domesticas, siempre que sea remunerado.” (Neffa, J. C.1996; p42).

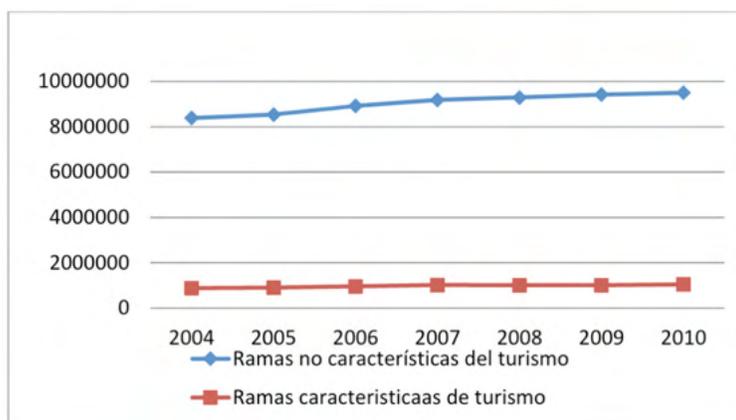


Gráfico 2: Personal ocupado por rama de actividad y promedio anual. Total de aglomerados urbanos 2004 a 2010 (en valores absolutos).

Fuente: Cuadro de elaboración propia basado en datos del Anuario Estadístico de Turismo 2011. MINTUR sobre la base de INDEC. Encuesta Permanente de Hogares.

16 Es la expresión adecuada en este trabajo para decir que algo se paga (o se cobra) en frutos o géneros y no en dinero.

17 Se excluyen las actividades domesticas y las orientadas a la producción de bienes y servicios para el autoconsumo.

18 Las estadísticas de empleo, en general estiman la cantidad total de empleos directos o indirectos que genera este desarrollo o la estimación de las diferentes tasas de creación de empleo que tendrían los distintos modelos turísticos.

Cómo se observa (gráfico2), en el período 2004-2007 se registra un mayor dinamismo en la creación de empleo en las ramas características del turismo, y una leve caída del empleo en esas ramas en el período 2007-2008. En el 2009, por otro lado, se percibieron guarismos similares a los de 2008. A la vez, se visualiza un aumento en las ramas no características de turismo. Es importante observar la evolución del mercado de trabajo en un marco de crecimiento económico y de relativa desindustrialización de componentes y bienes de capital en las ramas características y no características de turismo<sup>19</sup> entre los años 2004 y 2010, dado que refleja que éste sector de actividad económica presenta capacidad para generar empleo o como se observa en este período, mantenerlo.<sup>20</sup>

Ahora bien, en cuanto al empleo registrado en Argentina se observa en el Anuario Estadístico de Turismo de Nación, que su distribución desde 2003 a 2007 muestra una estructura equilibrada en los sectores de actividad: 46% en la industria, 52% en comercio y 46% en los servicios. Es preciso señalar que la formalización del empleo registrado en el sector de servicios en Argentina no difiere del resto de los sectores como la industria y el comercio<sup>21</sup>. En cuanto a la estructura de categorías ocupacionales, para el total de la población empleada en las ramas de agencias de viajes y actividades complementarias de apoyo turístico de 2010, predominan los obreros y empleados 86,4%; en relación a la categoría patrón, cuentapropista y trabajador familiar; 6,8%; 6,6% y 0,2% respectivamente (Anuario Estadístico de Turismo, 2010). Como se viene exponiendo, la evolución del mercado de trabajo del sector específico de turismo, está en consonancia con la dinámica económica que configura al país en ese mismo período (gran desarrollo de los servicios). No obstante, es de destacar el crecimiento del sector de servicios a diferencia del sector industrial. Lo coloca en un lugar privilegiado como atrayente de capitales y promotor de nuevos puestos de trabajo. Pero en un contexto donde se observa que gran cantidad de empresas modifican sus estrategias de ganancias, apuestan a procesos de desintegración vertical tercerizando actividades del proceso productivo (outsourcing) y deslocalizan inversiones (offshoring), en ambos casos como estrategia clave para disminuir costos.”

---

19 Los productos característicos son aquellos que, en la mayoría de los países, dejarían de existir o su consumo se vería sensiblemente disminuido en ausencia de turismo. En Argentina lo integran: Servicios de alojamiento (hoteles y otros servicios de alojamiento, servicios de segundas viviendas por cuenta propia o gratuitos) Servicios de provisión de alimentación y bebidas, Servicios de transporte de pasajeros ( Servicios de transporte interurbano por ferrocarril, Servicios de transporte por carretera, Servicios de transporte marítimo, Servicios de transporte aéreo, Servicios conexos al transporte de pasajeros, Alquiler de bienes de equipo para el transporte de pasajeros, Servicios de mantenimiento y reparación de bienes de equipo para el transporte de pasajeros), Servicios de agencias de viajes, tour operadores y guías de turismo (Servicios de agencias de viajes, Servicios de tour operadores, Servicios de información turística y de guías de turismo), Servicios culturales (representaciones artísticas, museos y otros servicios culturales), Servicios recreativos y otros servicios de esparcimiento (deportes y servicios recreativos deportivos, otros servicios de esparcimiento y recreo), Servicios turísticos diversos (Servicios financieros y de seguros, otros servicios de alquiler de bienes, otros servicios turísticos).

20 Es importante señalar que si actualizamos los datos provenientes del Anuario estadístico de Turismo de 2014, se observa que las RCT continúan presentando un mayor nivel de informalidad que las actividades no turísticas (medido a través del porcentaje de asalariados con aporte jubilatorio), aunque desde el 2004 al 2014 se verifique un notable incremento de los asalariados con aporte, proceso que acompaña al crecimiento de la formalidad observado en el total de la economía.

21 Ver el Anuario Estadístico de Turismo de Nación.

(López, Ramos, Starobinsky; 2009).

Es interesante recordar lo que sucede en Argentina en los '90; se da un intenso proceso de fusiones y adquisiciones de firmas locales, lo que tiempo después junto con el fuerte proceso de crecimiento, genera un flujo creciente de utilidades hacia el exterior. Entre el grupo de empresas de mayor importancia en el país, se verifica un proceso de extranjerización durante los '90, cuando el capital local pasa a representar el 56% del total de las grandes empresas en 1993 a sólo el 23% en 2002. Luego en la etapa de la posconvertibilidad se consolida el peso del capital extranjero en la cúpula empresarial llegando casi al 65%. Lo que muestra que cuando el país crece a partir de 2002, se incrementa la transferencia de esos beneficios hacia el exterior. A partir de 2007 hasta el presente se viene registrando una creciente remisión de utilidades y dividendos hacia fuera del país (Fabián Amico, Alejandro Fiorito y Agustina Zelada, julio de 2012, p.57)

Esta situación sugiere no solo reforzar las capacidades nacionales de producción turística, sino una mayor regulación y control de parte del Estado nacional a fin de evitar una tendencia potencial hacia la fragilidad financiera y la inestabilidad laboral permanente en los trabajadores y trabajadoras que se insertan en ese mercado específico de turismo como por ejemplo los guías, técnicos, licenciados en carreras afines al turismo y otros sin conocimiento específico; porque el trabajo que genera el turismo no está muy desarrollado y delimitado conceptualmente y el lugar que ocupa Argentina en el sistema productivo turístico global en la actualidad, es el de un país dependiente, receptor de turismo.

## **A MODO DE CONCLUSIÓN**

En la última década, el turismo como sector de actividad comienza a ocupar un lugar de privilegio en las agendas de políticas públicas de muchos gobiernos y países de la región, con el objetivo de contribuir a la economía del país, mediante los ingresos de divisas y la generación rápida de nuevos puestos de trabajo. Como se expuso en este artículo, la evolución del mercado de trabajo argentino del sector específico de turismo, está en consonancia con el gran desarrollo de todos los servicios.

En Argentina, en particular en los últimos años se implanta la reconfiguración de un modelo estructural económico basado en la autosuficiencia y la autonomía productiva. En este marco, el turismo no escapa a los lineamientos de política económica en términos generales y el sector a partir del 2003 se convierte en una alternativa para muchos hombres y mujeres, principalmente en relación a las oportunidades de empleo que genera. Ocupa así un lugar de privilegio, porque no sólo es un gran atrayente de capitales sino un gran promotor de nuevos puestos de trabajo. El problema es que ocurre en un contexto donde se observa que gran cantidad de empresas modifican sus estrategias de ganancias, apuestan a procesos de desintegración vertical tercerizando actividades del proceso productivo (outsourcing) y deslocalizan inversiones (offshoring), en ambos casos como estrategia

clave para disminuir costos.

En cuanto al desarrollo del mercado de trabajo turístico se encuentra que si bien existen múltiples factores que explican el notable incremento de dicha actividad, se encuentra que el avance y el desarrollo tecnológico son claves para explicar su expansión y su nueva organización. Particularmente a causa del mejoramiento de los transportes y las comunicaciones y la llegada de internet al país.

Esta situación sugiere, no solo reforzar las capacidades nacionales de producción turística, sino una mayor regulación y control de parte del Estado nacional a fin de evitar una tendencia potencial hacia la fragilidad financiera y la permanente inestabilidad laboral.

## REFERENCIAS

Carlos, S., y Meyer, E. (2011). Anuario Estadístico de Turismo 2011.

Amico, F. Fiorito, F. y Zelada, A. (Julio de 2012). Expansión económica y sector externo en la argentina de los años 2000: balance y desafíos hacia el futuro. Documento de trabajo N° 45, Buenos Aires: CEFIDAR. Recuperado de <http://www.cefid-ar.org.ar/documentos/DocumentodeTrabajo45.pdf>  
Bertoncello,

Besson, N. (Octubre de 2006). Desarrollo turístico en la región de Salto Grande: una mirada desde el Plan Argentina 2016. PLAN FENIX Propuestas para el desarrollo con equidad. Economías Regionales. VII Encuentro Nacional de Economías Regionales. IV Encuentro del Nodo Región Centro de economías Regionales., 181- 96. Recuperado de [http://www.econ.uba.ar/planfenix/documentos/libros/indice\\_libro\\_economias\\_regionales\\_VII\\_encuentro.pdf](http://www.econ.uba.ar/planfenix/documentos/libros/indice_libro_economias_regionales_VII_encuentro.pdf)

Campos, L., González, M, y Sacavini, M. (2010) "El mercado de trabajo en los distintos patrones de crecimiento", Realidad Económica N° 253, IADE, Buenos Aires, julio- agosto

Catalano B. (2014). La integración regional y el turismo como fenómeno multidimensional: el caso del Mercosur. (Tesis de maestría no publicada), Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Cavassa, C. R. (2007). Administración de Empresas Turísticas. Nuevas estrategias. México: Trillas. CEDEM.

Cordero Ulate, A. (2006). *Nuevos ejes de acumulación y naturaleza. El caso del turismo*. Buenos Aires, clacso libros.

Getino, O. (2009). Turismo. *Entre el ocio y el neg-ocio*. Identidad cultural y desarrollo económico en América Latina y el Mercosur. Argentina: Ciccs.

Lash, S., y Urry, J. (1998). *Economías de signos y espacio. Sobre el capitalismo de la posorganización*. Argentina: Amorrortu.

Instituto Nacional de Estadísticas y Censos. (2006 a 2011). Encuesta permanente de Hogares. Ciudad de Buenos Aires. Recuperado de [http://www.indec.mecon.ar/principal.asp?id\\_tema=9556](http://www.indec.mecon.ar/principal.asp?id_tema=9556) Jan

Oliva, M., Schejter, C. (2006). El empleo en las ramas características del turismo en Argentina. *Aportes y Transferencia*, 10, (2), (36-68). Mar del Plata: Mantero. Recuperado de [http://www.academia.edu/2015300/El\\_empleo\\_en\\_el\\_turismo\\_en\\_Argentina](http://www.academia.edu/2015300/El_empleo_en_el_turismo_en_Argentina)

Kosacoff, B. y López, A. (2008). América Latina y las Cadenas Globales de Valor: debilidades y potencialidades. *Revista Globalización, Competitividad y Gobernabilidad*. Vol. 2 núm. 1. pp 18 – 32. Gcg Georgetown University: Unversia. Lupica.

Naclerio, A. (2006). La evolución de las calificaciones y las reformas del Consenso de Washigton en Argentina. Modernización tecnológica sin desarrollo de capacidades. En Neffa, C. y Pérez, P. *Macroeconomía , mercado de trabajo y grupos vulnerables. Desafíos para el diseño de políticas públicas.* (75-100). Buenos Aires: Asociación, Trabajo y Sociedad CEIL/PIETTE CONICET.

Neffa, J. C. (1996). "Reflexiones acerca del estado del arte en Economía del Trabajo y del Empleo. In *Trabajo y Empleo* (EUDEBA PAI, pp. 35–76). Buenos Aires- Argentina.

Neffa J. C., Albano J., López Ghio, R., Pérez, P., Salas, J. y Toledo, F. (2006). Teorías económicas sobre el mercado de trabajo. II Neoclásicos y Nuevos keynesianos. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina

Tottino, Laura (2015), *¿Más Trabajo, Mejor Trabajo? El Caso de Los Trabajadores y Las Trabajadoras de Las Agencias de Viajes de Ciudad de Buenos Aires*. (Tesis inédita de maestría (Ciencias Sociales del Trabajo, sin publicar). Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires.

Tottino, L y Catalano, B. (2014). Trabajo y Turismo: los trabajadores/as de las Agencias de Viajes y Turismo de Ciudad de Buenos Aires en el periodo 2003 a 2010. Coord: Bachiller, S. y Carrizo, G. Continuidades y rupturas en el mundo laboral: reflexiones en torno a la cultura, la conformación de subjetividades y los significados del trabajo. Pre-alas Patagonia. Foro Sur - Sur, 7, 8 y 9 de mayo en El Calafate.

CEPAL. (2014). Integración regional Hacia una estrategia de cadenas de valor inclusivas. *Mayo*, (Integración Regional).

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acidentes de trânsito 298, 299, 300, 301, 305, 308, 309, 310, 311

África 46, 52, 55, 68, 79, 107, 117, 247, 252, 253, 260, 374, 375, 379

Agricultura 68, 138, 154, 170, 204, 206, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 226, 228, 231, 233, 236, 237, 239, 240, 242, 246, 247, 249, 250, 251, 257, 258, 259, 260, 261, 279, 281, 282, 283, 285, 287, 288, 289

APEC 48, 141, 142, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153

Apicultura 242, 243, 246, 247, 248, 249, 250, 251

### B

Barreiras comerciais 157, 158, 160

Brasil 35, 36, 37, 40, 41, 43, 45, 47, 48, 50, 51, 52, 79, 83, 86, 93, 104, 118, 128, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 158, 159, 160, 161, 167, 168, 170, 171, 175, 176, 177, 218, 219, 221, 231, 232, 233, 240, 241, 243, 244, 245, 246, 247, 249, 250, 262, 265, 295, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 313, 314, 316, 321, 322, 323, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 336, 337, 340, 341, 342, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 380, 382, 385, 386, 398, 399, 408, 415, 418, 421

### C

Capital 1, 2, 20, 21, 25, 26, 28, 29, 32, 33, 37, 39, 40, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 55, 60, 62, 63, 64, 65, 67, 70, 73, 75, 76, 77, 78, 82, 84, 85, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 100, 102, 105, 107, 108, 109, 110, 122, 125, 126, 162, 170, 173, 178, 179, 188, 189, 192, 193, 196, 199, 206, 242, 246, 255, 256, 257, 273, 279, 281, 283, 284, 285, 287, 292, 299, 300, 301, 305, 329, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 339, 341, 343, 345, 346, 348, 349, 351, 377, 388, 390, 391, 393, 394, 419, 424, 426, 429, 430, 431, 432, 433

Capitalismo 16, 17, 20, 25, 26, 28, 29, 37, 38, 40, 41, 42, 44, 47, 51, 52, 53, 56, 59, 62, 63, 64, 196, 354, 390, 395, 413, 423, 424, 426, 427, 428, 431, 432, 433

CAPM 84, 85, 88, 90, 91, 93

China 64, 102, 114, 142, 143, 144, 147, 148, 149, 157, 159, 160, 161, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 177

Cluster 204, 205, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217

Comércio internacional 46, 51, 66, 67, 69, 71, 72, 73, 74, 80, 82, 83, 120, 142, 143, 144, 145, 151, 154, 158, 166, 374

Commodities 46, 69, 84, 142, 144, 152, 157, 158, 166, 347

Comunicação 9, 66, 94, 105, 119, 154, 161, 230, 231, 232, 235, 236, 240, 277, 279, 280, 379, 399, 408, 415, 417, 421, 423, 427, 428, 429, 430, 431, 434

Contratos 79, 199, 200, 203, 376, 411, 412, 414, 415, 416, 418, 419, 420, 422

Cooperativismo 194, 195, 196, 197, 198, 199, 202

Covid-19 69, 81, 114, 263, 264, 269, 270, 271, 419

Crescimento 39, 42, 43, 44, 51, 52, 54, 61, 63, 67, 68, 71, 74, 78, 80, 81, 92, 94, 95, 96, 99, 100, 101, 102, 103, 107, 108, 114, 120, 121, 122, 125, 127, 128, 142, 144, 153, 159, 166, 167, 176, 177, 206, 221, 248, 253, 254, 255, 256, 258, 272, 273, 274, 275, 276, 290, 295, 319, 330, 335, 345, 346, 347, 348, 350, 351, 353, 357, 372, 375, 376, 378, 399, 407, 419, 424, 426

## D

Desenvolvimentistas 35, 36, 37, 39, 42, 43, 45

Desenvolvimento 2, 3, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 23, 28, 29, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 58, 66, 67, 68, 69, 71, 75, 78, 79, 80, 81, 82, 85, 92, 94, 95, 96, 98, 99, 102, 103, 104, 114, 121, 143, 144, 145, 153, 154, 175, 204, 205, 206, 207, 218, 219, 221, 231, 232, 237, 240, 242, 243, 247, 249, 253, 254, 255, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 272, 274, 276, 279, 296, 297, 312, 315, 317, 319, 320, 321, 323, 325, 326, 330, 336, 339, 340, 341, 344, 345, 347, 348, 351, 352, 357, 365, 366, 367, 371, 375, 379, 414, 420, 423, 424, 434

Dólar 64, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 384

## E

Economia 1, 2, 9, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 48, 50, 51, 57, 58, 61, 64, 65, 66, 68, 71, 74, 78, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 92, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 115, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 143, 144, 145, 147, 153, 154, 158, 163, 166, 175, 176, 177, 204, 205, 206, 207, 218, 220, 224, 231, 232, 233, 239, 240, 247, 248, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 274, 276, 295, 296, 297, 312, 322, 326, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 336, 337, 339, 340, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 364, 365, 366, 367, 370, 371, 372, 375, 376, 378, 379, 380, 397, 409, 413, 420, 421, 422, 426, 432, 433, 434

Eleições 397, 398, 399, 400, 404, 406, 407, 408, 409

Embargo 134, 157, 158, 159, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 183, 185, 186, 187, 191, 194, 196, 197, 198, 201, 267, 383, 386, 388

Empresas 52, 53, 68, 70, 71, 74, 76, 77, 78, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 92, 96, 103, 108, 109, 110, 111, 112, 115, 117, 122, 135, 142, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 202, 237, 246, 250, 256, 260, 261, 263, 274, 275, 280, 285, 329, 331, 337, 341, 342, 346, 348, 349, 353, 354, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 376, 377, 378, 382, 388, 389, 390, 391, 393, 394, 395, 412, 414, 416, 417, 418, 419, 421, 422, 426, 434

Estado 25, 29, 30, 37, 38, 39, 42, 46, 47, 49, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 74,

75, 81, 94, 96, 97, 98, 103, 106, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 124, 129, 153, 183, 186, 190, 192, 196, 197, 198, 199, 204, 205, 206, 219, 222, 226, 231, 232, 240, 242, 248, 250, 252, 254, 258, 261, 266, 272, 273, 274, 294, 295, 296, 297, 301, 302, 303, 305, 312, 313, 315, 316, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 345, 367, 370, 371, 372, 378, 379, 394, 395, 396, 400, 404, 413, 417, 433

Estados Unidos 44, 51, 52, 53, 129, 132, 134, 136, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 157, 159, 161, 167, 168, 169, 172, 173, 174, 175, 248, 265, 267, 269, 271, 359, 382, 398, 414

Exportações 53, 73, 74, 80, 87, 102, 116, 125, 127, 128, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 152, 153, 157, 158, 159, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 174, 175, 177, 248, 367, 373, 374, 375

## **F**

Falência 37, 110, 353, 358, 360, 361, 364

## **G**

Games 423, 424, 426, 428, 432

Globalização 56, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 296, 411, 412

## **I**

Ideologia 1, 2, 4, 5, 6, 20, 21, 64, 433

Imperatriz 272, 273, 274, 275, 276, 277, 279, 280, 290, 292, 293, 294, 295, 296, 297

Investimento 40, 42, 47, 63, 66, 67, 68, 69, 71, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 87, 90, 92, 93, 96, 100, 103, 107, 108, 109, 110, 116, 117, 122, 126, 127, 154, 162, 163, 174, 243, 248, 258, 260, 315, 319, 323, 325, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 357

## **L**

Liberais 35, 36, 37, 45, 62, 158

## **M**

Marketing 108, 196, 219, 220, 221, 222, 225, 226, 231, 239, 240, 241, 365, 366, 368, 373, 379, 380, 422

Materialismo 1, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 16, 20, 33

Mercado 25, 30, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 62, 63, 66, 67, 69, 70, 71, 74, 77, 79, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 105, 106, 108, 109, 111, 114, 115, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 129, 135, 137, 138, 139, 142, 147, 152, 153, 158, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 174, 175, 177, 186, 187, 188, 189, 197, 202, 221, 222, 229, 231, 232, 234, 237, 241, 246, 247, 253, 255, 260, 265, 266, 329, 331, 332, 333, 334, 335, 340, 341, 345, 347, 365, 367, 369, 370, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 384, 387, 393, 394, 395, 396, 413, 417, 424, 426, 428, 432

Moçambique 66, 67, 68, 69, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 91, 92, 93, 94, 95, 98, 100, 102,

103, 104, 105, 106, 107, 112, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 123, 124, 127, 128, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 259, 260, 261, 262, 365, 366, 367, 368, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 378, 379, 380

Modelo gravitacional 141, 142, 143, 145, 146, 150, 151, 152, 153, 272, 276, 277, 278, 279, 292, 293

Mortalidade infantil 312, 313, 314, 315, 316, 317, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328

## **N**

Neoliberalismo 50, 54, 55, 56, 64

## **P**

Paraísos fiscais 66, 67, 69, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 83

Pernambuco 218, 298, 299, 301, 302, 303, 304, 305, 307, 308, 309, 310, 312, 313, 315, 316, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327

Piauí 204, 205, 206, 207, 209, 210, 211, 213, 214, 216, 218, 309, 316

PIB 68, 71, 80, 81, 92, 98, 100, 101, 102, 107, 113, 116, 117, 127, 129, 132, 139, 141, 145, 146, 151, 152, 153, 157, 160, 167, 168, 172, 173, 174, 175, 219, 260, 263, 264, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 300, 329, 334, 336, 337, 339, 342, 343, 344, 346, 347

Política monetária 86, 98, 103, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 348, 378

Portugal 51, 76, 83, 104, 117, 118, 338, 353, 356, 361, 362, 363

Produção 2, 8, 10, 12, 16, 17, 18, 19, 26, 27, 28, 29, 32, 33, 39, 40, 41, 42, 43, 47, 50, 51, 52, 53, 54, 58, 60, 62, 63, 72, 73, 74, 82, 95, 96, 107, 116, 122, 128, 142, 144, 157, 158, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 170, 172, 173, 175, 204, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 219, 222, 223, 225, 227, 229, 233, 235, 238, 239, 242, 243, 246, 247, 248, 249, 250, 252, 253, 256, 258, 260, 261, 263, 274, 279, 281, 294, 341, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 418, 424, 427, 428, 430, 431, 432, 433

## **Q**

Qualidade 10, 12, 13, 14, 15, 71, 82, 91, 102, 103, 116, 142, 223, 224, 225, 227, 229, 235, 239, 248, 255, 256, 261, 273, 298, 300, 314, 315, 322, 323, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 360, 361, 363, 365, 368, 369, 370, 373, 374, 375, 376, 379

## **R**

Recursos naturais 46, 51, 73, 79, 85, 95, 102, 103, 142, 164, 165, 242, 243, 244, 245, 249, 253, 256, 258, 260, 261, 371

Redes sociais 230, 232, 233, 234, 235, 236, 397, 398, 399, 400, 403, 407, 408, 409

## S

Saúde 32, 71, 82, 95, 96, 158, 159, 224, 225, 227, 232, 253, 256, 257, 273, 279, 280, 281, 283, 285, 289, 294, 298, 299, 300, 301, 302, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 353, 354, 355, 357, 360

Smart contracts 411, 412, 416, 417, 419, 420, 421, 422

Subdesenvolvimento 40, 45, 48, 55

## T

Terra 12, 14, 29, 48, 56, 73, 164, 165, 220, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 242, 243, 246, 249, 251, 254, 258, 259, 299, 338, 340, 341, 343, 349, 352, 421

Trabalho 1, 2, 3, 4, 7, 17, 20, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 32, 35, 36, 39, 47, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 72, 73, 77, 80, 88, 95, 96, 106, 117, 122, 141, 143, 145, 146, 152, 159, 160, 162, 164, 166, 167, 170, 173, 192, 205, 206, 218, 227, 233, 234, 243, 250, 252, 254, 256, 257, 258, 260, 278, 294, 298, 300, 301, 303, 305, 312, 317, 325, 330, 333, 336, 348, 353, 357, 365, 367, 368, 373, 377, 398, 413, 420, 422, 423, 424, 427, 428, 431, 432

Turismo 68, 135, 138, 139, 221, 237, 258, 259, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396

## U

União Europeia 64, 72, 76, 157, 159, 161, 166, 167, 168, 172, 173, 174, 175



- 🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
- ✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
- 📷 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
- 📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# ECONOMIA:

## GLOBALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO 2



🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
📷 @atenaeditora  
📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# ECONOMIA:

## GLOBALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO 2